

EDUCAÇÃO MUSICAL E INCLUSÃO DE PESSOAS SURDAS: UM ESTUDO A PARTIR DOS BATUQUEIROS DO SILÊNCIO

Márcia Carolina da Mota Viana¹
Everson Melquiades Araújo Silva²

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a Educação Musical pode incluir pessoas surdas. Para tanto, foi realizado um estudo de caso com o grupo *percussivo Batuqueiros do Silêncio*. Participaram seis (06) integrantes com surdez parcial e total. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, registradas através de vídeo-gravações com auxílio de um intérprete. A partir da análise dos discursos dos sujeitos, encontramos episódios que nos levaram a categorizações, foram elas: Acessibilidade, Reconhecimento, Autonomia e Interação. Através da análise destes episódios, foi possível identificarmos processos que contribuem para a inclusão das pessoas surdas a partir da educação musical.

Palavras-chave: Arte/Educação; Educação Musical; Inclusão.

1. INTRODUÇÃO

*Do que serviriam todos os conhecimentos teóricos
Se não fosse a cognição do espírito?
Em que nos seriam úteis todos os mapas e bússolas
Se não existisse a orientação sensorial?
Aquilo que não se pode ver
Salta aos olhos
Dos que veem no escuro
E o que não se pode ouvir
Grita aos ouvidos
Dos que só escutam mudos passos; rumores calados
E têm a mais clara noção do que está por vir
Que se não fosse a capacidade de compreensão,
De nada adiantariam as explicações e respostas
Que os órgãos vitais trabalham todos como uma orquestra
Assimétricos, porém afinados
Perfeitamente
Em silêncio
E em silêncio, sente-se o que pulsa e vibra
Que além do altruísmo dos muros dos que só entendem a obviedade do físico
Existe um infinito descampado e pleno
Apto à novas e admiráveis plantações
Sem música, a vida seria um erro; disse o filósofo
Todavia- me perdoem a ousadia do acréscimo à consagrada filosofia
O maior erro seria não saber ouvir além dos ouvidos
Seria não sentir.*

Vitória de Melo Bispo

¹ Concluinte do curso de Pedagogia . Centro de Educação . UFPE. carolina_mota@hotmail.com.br.

² Professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino . Centro de Educação . UFPE. eversonmelquiades@bol.com.br.

Esta pesquisa pretendeu compreender como a educação musical pode favorecer a inclusão social de pessoas surdas, a partir da investigação dos integrantes do grupo %Batuqueiros do Silêncio+. A ideia emergiu, primeiramente, do meu interesse pela área de música desde jovem. A priori, admirava aqueles que sabiam executá-la e, posteriormente, nos primeiros anos de minha adolescência, tive a oportunidade de aprender a tocar alguns instrumentos. Apesar da paixão pelo universo da música, optei por cursar Pedagogia, pois me sentia muito à vontade no ambiente escolar e, desde o Ensino Médio, vislumbrei a possibilidade de trabalhar nesse domínio. Paralelamente aos meus estudos na área de Educação, sempre me mantive atenta ao campo musical, participando, sempre que possível, de minicursos, oficinas, bandas e continuamente aprendendo através dos saberes experienciais.

Nessa linha de descobertas de afinidades, cursar a disciplina Fundamentos do Ensino de Artes, no 6º período, do Curso de Pedagogia da UFPE com o Profº Drº Everson Melquíades, despertou em mim o interesse pela área do Ensino de Arte e, principalmente, do Ensino da Música. Busquei, então, no semestre seguinte, ser monitora desta mesma disciplina, a fim de me lançar em estudos mais aprofundados na área. Também ingressei no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) com pesquisas na área de Formação de Professores voltadas para o campo da Educação Inclusiva sob a orientação da Profª Drª Clarissa Martins de Araújo. Desta forma, passei a integrar o Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Arte e Inclusão (GEFAI), do Centro de Educação da UFPE, bem como passei a cursar disciplinas relacionadas ao campo da música no Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE, dentre as quais podemos destacar: Música e Cultura, Oficina de Música e Voz e Movimento I.

Ao longo desse percurso, meu interesse tem se voltado especificamente para Educação Musical de pessoas com deficiência, justo porque tenho exercido atividades no campo da Educação Inclusiva. Desde 2011, trabalho no Centro de Desenvolvimento Infantil³, no Recife, com crianças dentro do espectro autista. Dessa forma, ter unido mediante estudo acadêmico e trabalho os dois campos que mais me realizam como profissional no âmbito da

³O Centro de Desenvolvimento Infantil (CDI) é uma instituição voltada ao atendimento a crianças no espectro autista, baseado no modelo DIR/Floortime. Validamos e respeitamos as habilidades e diferenças individuais de cada criança, a fim de facilitar o seu desenvolvimento. Foi fundado no ano de 2011 e fica localizado na Rua Azeredo Coutinho nº 211, no bairro da Várzea em Recife/PE.

educação, Arte/Educação e Educação Inclusiva, foi o motor que me impulsionou até a temática de pesquisa selecionada: Educação Musical Inclusiva.

No atual processo de mudanças sociais, é imprescindível para a construção de uma sociedade que seja realmente para todas as pessoas a adoção de práticas inclusivas em todos seus aspectos. Neste trabalho, concordo com Martins (2007), cuja crença é a de que para incluir todas as pessoas na sociedade, inclusive aquelas com deficiência, o paradigma da inclusão baseia-se na ideia de que a sociedade deve se modificar, fato que implica, primeiramente, a aceitação das pessoas como elas são, respeitando suas diferenças individuais.

Será que na prática todas as pessoas têm acesso ao ensino musical? Será que uma pessoa com deficiência tem a mesma oportunidade de acesso à música que as pessoas sem deficiência? Embora esteja em vigor a Lei Nº 11.769/08, determinante de que "a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular" e esta mantenha-se particularmente voltada apenas para a educação musical presente nas escolas durante a educação básica, a presente proposta de pesquisa discutirá a Educação Musical Inclusiva vivenciada no espaço não-escolar. Ainda que não haja nenhuma lei que verse peculiarmente sobre as normas para este campo, a Constituição Federal de 1988 e a própria Lei de Diretrizes e Bases para a educação Brasileira já reconheceram, em aspectos mais gerais, ser a educação não escolar um fator fundamental para a formação do indivíduo. Sendo assim, faz-se urgente investigá-la, indagar na prática que contribuições ela tem oferecido e pode oferecer à inclusão, que é em si uma garantia constitucional da pessoa humana, no que concerne à necessária igualdade entre os indivíduos aludida nos direitos fundamentais no artigo 5º do texto constitucional e configurada como uma meta da Teoria Geral dos Direitos Humanos.

Nessa linha de entendimento, música não pode ser privilégio de poucos. Em relação a esta afirmação, o Ministério da Educação (2002) destaca que:

Cada pessoa é única, com características físicas, mentais, sensoriais, afetivas e cognitivas diferenciadas. Portanto, há necessidade de se respeitar e valorizar a diversidade e a singularidade de cada ser humano [...] Cai o mito da constituição de uma turma homogênea e

surge o desafio de uma práxis pedagógica que respeite as diferenças [...]

Nos últimos anos no Brasil, muitas pesquisas vêm surgindo na área de surdez, principalmente após a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como uma das línguas oficiais do país. Como qualquer outra língua, a Libras possui um sistema linguístico próprio, é um conjunto de códigos que possibilita a comunicação e a compreensão sócio-cultural de determinado grupo. É mais do que isso legítima a sua ascendência no campo de pesquisa da inclusão, de modo que o que aqui se propõe ao se estudar a tríplex música, educação e surdez é mais uma tentativa de contribuição científica para o domínio inclusivo.

Em uma pesquisa no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), busquei compreender como a temática da Educação Musical Inclusiva está sendo problematizada pelos artigos científicos brasileiros. Ao total foram encontrados 09 (nove) artigos: um artigo na Revista do Centro de Educação UFSM (Rio Grande do Sul); um artigo na Revista Latinoamericana de Lectura (Buenos Aires); um artigo no Repositório Científico de acesso aberto de Portugal; um artigo na Revista brasileira de informática na educação; um artigo em Educação Temática Digital; um artigo publicado em Ciência e saúde coletiva; um artigo publicado em Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação; um artigo na Revista Ciência em Extensão; um artigo publicado em Revista Crítica de Ciências Sociais. De acordo com o Banco de Teses do Portal da CAPES, foram encontradas doze (12) dissertações de mestrado e duas (02) teses de doutorado. Os dados revelaram que há um número reduzido de pesquisas no campo da Educação Musical Inclusiva, ainda sendo possível observar outra peculiaridade intrigante: o material sobre Educação Musical e Deficiência integra em sua maioria a área de musicoterapia, o que é ainda limitado. A esse respeito, faz-se pontual destacar a observação de Louro (2006):

Embora conheçamos a importância da música para o desenvolvimento do ser como um todo, podemos afirmar que, dentro de um processo pedagógico musical, de certo modo, adquirir conhecimentos e/ou habilidades específicas é o foco central,

enquanto na terapia, mesmo que adquirindo um aprendizado musical ou uma habilidade instrumental, o foco principal é a saúde, a recuperação de algum déficit físico, mental ou psicológico do indivíduo. (p.66)

Diante dessas questões, é nítida a importância de um novo estudo neste campo para que se alarguem as discussões teóricas sobre a prática educativa musical com surdos. Evidenciar esse tema com um enfoque diverso do limitado ao terapêutico pode tecer caminhos no campo pedagógico para que mais e mais as pessoas com deficiência sejam incluídas em diversos espaços, também enxergando na música mais que um tratamento terapêutico, e sim, como qualquer outro ser humano, um meio de acesso ao universo da arte, da cultura e da convivência social. Certamente, assim, podem ter igual oportunidade de se desenvolver com maior plenitude enquanto seres humanos.

Nessa conjuntura, tais caminhos me levaram a ter como **principal objetivo**, compreender como a educação musical pode incluir pessoas surdas. Para tanto, definimos os seguintes **objetivos específicos**: 1) identificar na narrativa dos surdos integrantes do grupo *Batuqueiros do Silêncio*, episódios que possibilitam a inclusão social; 2) caracterizar, a partir dos episódios, os processos de Educação Musical que possibilitam a inclusão. Na próxima sessão apresentaremos as categorias teóricas Educação Inclusiva, Educação Musical e Educação Musical Inclusiva, que nortearam nosso estudo.

2. POR UMA EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA PARA TODOS

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A sociedade, em seu processo histórico na inclusão das pessoas com deficiência, apresentou diversas práticas sociais. Segundo Sasaki (2003), inicialmente houve a *exclusão social* de pessoas que não pareciam pertencer à maioria da população, em seguida desenvolveu-se o *atendimento segregado* dentro de instituições, o que deu sequência às práticas de *integração social*, na qual as pessoas com deficiência precisariam se adaptar à sociedade. Recentemente a filosofia da *inclusão social* foi adotada para modificar os sistemas sociais gerais. De acordo com Guebert (2007)

[...] a idéia de inclusão social surge de um movimento de educação para todos (índios, negros, deficientes e marginalizados, entre outros), em que a pessoa passa a ser vista como ser humano dotado de sentimentos e emoções, bem como com direitos assegurados e sendo sujeito de seu processo, com potencialidades e habilidades que lhe permitem a independência. (p. 74)

Corroborando com esta perspectiva, Louro (2006) afirma que a proposta inclusiva existente foi construída através de diversas declarações de maneira gradativa. Uma delas é a *Declaração Mundial de Educação para Todos*, de 1990, que estipulou a universalização do acesso à educação e promoção da equidade. Outra é a *Declaração de Salamanca*, de 1994, que, além de reafirmar o que sugeria a anterior, teve fundamental importância por transferir a responsabilidade da adaptação da pessoa com deficiência para as instituições de ensino, ou seja, a sociedade precisaria se adaptar à pessoa e não esta à sociedade, como era proposto no modelo de integração.

Embora muitos países já tivessem aderido à prática inclusiva, como Estados Unidos e Canadá, por exemplo, foram necessários anos de exclusão para que em nosso país o paradigma inclusivo fosse inserido nas políticas educacionais. Só na década de 1990, com essa nova prática, chega-se, então, à conclusão de que as pessoas não devem ser inseridas na sociedade sem uma devida adaptação para sua autonomia, ou seja, a sociedade deve promover iguais condições para todos para efetivar com sucesso a proposta inclusiva.

Segundo Sasaki (2003), existem algumas barreiras que impedem as pessoas com deficiência de ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. No que se refere ao universo das artes, às suas barreiras educacionais, percebemos que há uma grande estigmatização, principalmente quando ligamos o universo da música ao da surdez, no qual a música é vista como algo que as pessoas surdas não podem ter acesso, por não poderem ouvir. Deste modo, percebemos um grande entrave frente ao paradigma inclusivo, pois, segundo Martins (2007, p.3) as barreiras atitudinais são baseadas na rejeição, no medo, na estigmatização, e nos preconceitos, que são os mecanismos de defesa existentes frente ao aluno tido como *diferente*.

A concepção inclusiva valoriza a pessoa com deficiência enquanto ser humano e, sob essa perspectiva, a limitação passa a ser vista como uma das características do sujeito e nunca como referência de quem ele é, posto que a deficiência é uma característica da pessoa e não que a pessoa seja a sua deficiência. Com base nisto, Sasaki (2003) destaca:

Cabe, portanto, à sociedade eliminar todas as barreiras físicas, programáticas e atitudinais para que as pessoas com necessidades especiais possam ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional (p. 47).

De fato, para efetivação dessa proposta é necessário que a sociedade em geral esteja instrumentalizada com recursos físicos e humanos apropriados para as pessoas que deles necessitam. Sendo assim, Guebert (2007, p. 22) destaca que a proposta de inclusão fundamenta-se, portanto, em uma filosofia que possibilita a construção de igualdade de condições a todos+.

Considerando que *todos* devem ter acesso à educação e que a deficiência não deve limitar as atividades do sujeito, posto que ele tem uma deficiência e não é a deficiência, a Educação Inclusiva aqui estudada estará dentro do campo da Educação Musical para pessoas surdas, ou seja, a pesquisa se aprofunda no campo da *Educação Musical Inclusiva*, conforme verificaremos nos próximos itens que serão apresentados.

2.2 EDUCAÇÃO MUSICAL

Desde os tempos antigos, os sons faziam parte das comemorações dos homens, fossem elas solenes ou festivas. Nesses momentos, o objetivo dos sons executados era o de uma criação musical, pois através deles gritavam, dançavam, e assim, conduziam as comemorações. Desse modo, acredita-se que o ritmo foi o primeiro elemento musical a ser vivenciado pelo homem. Segundo Marreira (2011, p.43) a primeira forma de expressão musical é feita através de percussões, pois o ritmo é o primeiro dos elementos musicais que é produzido pelo ser humano+.

Na Grécia antiga, de todas as artes a música era a única disciplina obrigatória que fazia parte da educação dos gregos, ao lado das disciplinas

consideradas mais nobres como a matemática, a física, a astronomia, a filosofia etc. Sua participação na formação dos indivíduos era considerada essencial, pois acreditavam que seu estudo possibilitava o desenvolvimento de muitas habilidades, da mesma forma que a música contribuía para o desenvolvimento de um bom caráter e para a cidadania, de acordo com eles, interferir no comportamento humano era uma das suas qualidades.

Em suas obras, Platão destaca a música e sua importância na educação do homem. Segundo Marreira (2011), percebe-se que através da música é possível estudar questões ligadas à coordenação motora, cognição, percepção, sensibilidade, psicologia, educação, entre outras tantas. Com isso começam a surgir estudos cada vez mais voltados para a educação musical:

A música não é um saber dissociado, engloba um amplo campo com diversas possibilidades de se relacionar com todos os aspectos do conhecimento. Como afirma Fonterrada (2008):

O mais significativo na educação musical é que ela pode ser o espaço de inserção da arte na vida do ser humano, dando-lhe possibilidade de atingir outras dimensões de si mesmo e de ampliar e aprofundar seus modos de relação consigo próprio, com o outro e com o mundo (p. 117).

Por esta razão, não deve haver uma limitação sobre quem pode ou não aprender música, todos devem ter acesso a essa linguagem nas suas diferentes formas. Segundo Gainza (1998), a educação musical deve ser vista como modo de sensibilizar e desenvolver integralmente o educando, e capacitá-lo para tornar possível seu sucesso ao conhecimento e prazer musical.

O conhecimento na área musical tem como objetivo principal atingir o ser em sua totalidade. A educação musical aqui destacada concorda com Louro (2006, p. 28) quando esta defende que não é aquela que não distingue o sujeito que se educa, mas os recursos e as formas como o conhecimento é transmitido ou o saber musical é apropriado pelo aluno:

Percebemos, então, a necessidade de métodos que considerem cada ser humano em sua totalidade e busque novos meios de alcançar os aprendizes. Em relação a isto, Mateiro e Ilari (2011, p.17) destacam a importância de se questionar os modelos tradicionais e conservatoriais,

procurando ampliar o alcance da educação musical ao defender a ideia de que a música pode ser ensinada a todos, e não apenas àqueles supostamente dotados de um dom inato. Logo, pessoas surdas precisam ter o mesmo acesso à educação musical que os ouvintes.

Estudar um instrumento é, de fato, muito importante, porém, esta é apenas uma das possibilidades da educação musical e não a única. A música deve possibilitar vivências e descobertas através das diversas experiências que disponibilize para o sujeito. Entender e incluir pessoas com deficiência nesse processo é uma tarefa que cabe, também, aos profissionais de educação. Concordamos com Mateiro e Ilari (2011) quando estes destacam que

Cabe a uma educação musical sintonizada com o mundo contemporâneo reconhecer e acolher a multiplicidade tanto de manifestações musicais, quanto de formas de experienciar a música na vida cotidiana, formas estas que têm se renovado com bastante rapidez nos últimos anos, inclusive em decorrência dos avanços tecnológicos e das novas mídias. (p. 21)

Diante disto, acreditamos que todas as pessoas devem ter oportunidade de usufruir de experiências musicais e que a deficiência não deve ser um fator limitante para esta atividade, o que significa, em alguns casos, uma adaptação de recursos e da didática para uma melhor inclusão de todos educandos. Percebemos que para a construção de uma sociedade para todos é necessária a adoção de práticas inclusivas em todos os aspectos. Veremos, no item a seguir, uma apresentação da Educação Musical Inclusiva.

2.3 EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA

Imersa na ideia de uma sociedade inclusiva, que esteja preparada para receber e lidar com a diversidade, Louro (2006) ressalta que cabe à sociedade se adequar às necessidades das pessoas; cabe à escola promover adaptações, para incluir um aluno com deficiência; cabe ao professor ter conhecimento sobre as questões pedagógicas e estruturais que envolvem seu fazer em relação às pessoas com necessidades educacionais especiais. Deste modo, a Educação Musical também deve estar apta para atender a todos, através de métodos e práticas educacionais inclusivas que possibilitem a formação de todo e qualquer indivíduo.

A maioria das pessoas acredita que a música voltada para o campo da deficiência tem apenas o objetivo de reabilitação. Acreditamos, porém, que a educação musical tenha outro objetivo principal, que é tornar um indivíduo sensível às sonoridades, ou seja, musicalizar, não se restringindo apenas à reabilitação, recreação, sociabilização ou à aprendizagem de um determinado instrumento, mas, sim, se expandindo para as diversas maneiras de explorar o universo musical.

Ainda segundo Louro (2006), a Educação Musical da pessoa com deficiência educa e reabilita a todo o momento, uma vez que afeta o indivíduo em seus aspectos físicos, mentais, emocionais e sociais. Contudo, no decorrer do processo de aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de entrar em contato consigo mesmo, no momento em que se depara com os obstáculos e conquistas do fazer musical, por isso, embora também reabilite não tem somente esta função.

Acreditamos que, no âmbito educativo, adaptar faz parte do processo natural de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano. Dessa forma, a Educação Musical que deve criar possibilidades pedagógicas e educativas para facilitar as aprendizagens dos alunos, e não estes se adaptar às metodologias já existentes.

Gardner (1995) menciona que a capacidade de realização humana não depende apenas de fatores biológicos, ou seja, o potencial artístico não está necessariamente ligado somente à capacidade cognitiva ou motora. Por isso, alguns conceitos que temos em relação às habilidades, também as que envolvem o âmbito musical, precisam ser repensados.

Dentro do campo da Educação Musical para a pessoa com deficiência, especificamente, aqui, neste trabalho, para a pessoa surda, e considerando as diversas possibilidades em relação à música, consideramos de fundamental importância perceber o surdo como um ser musical, o que pressupõe revisar os métodos já pré-estabelecidos. Afinal, umas das primeiras questões que surge ao se relacionar a música à surdez é: Como seriam os surdos capazes de tocar o que não escutam?

Inerentemente o ritmo está presente no nosso corpo através da pulsação do coração. Além dela, o surdo conta com uma sensibilidade muito maior em relação aos demais sentidos, ele consegue perceber mais facilmente os

estímulos e sensações através do tato que os ouvintes. Para eles, a vibração é um parâmetro muito importante, é através dela que eles conseguem diferenciar os diversos timbres que nós, ouvintes, geralmente diferenciamos através da audição. Segundo Louro (2012)

A música convida ao movimento, à expressão, à integração. O som, sua matéria-prima, é composto por vibrações. Assim o surdo . que não pode ouvir o ambiente ao seu redor -, mas pode sentir em seu corpo as vibrações sonoras, acaba, aos poucos, compreendendo as intenções musicais. (p. 192)

Deste modo, música e surdez não podem, jamais, ser considerados termos contraditórios. A música não é privilégio de pessoas dotadas de um dom e por isso, como diz Capelo (2003, p. 129) todos devem ter oportunidade de uma educação fundada no diálogo entre as diferentes culturas, aberto e democrático+. Sendo assim, os professores e as escolas de música precisam estar preparados para receber e compreender o aluno em sua especificidade, só assim, se efetivará, de fato, uma prática inclusiva.

Segundo Hagiara-Cervellini (2003), expressar a própria musicalidade em sintonia com a música interna ou externa é uma possibilidade do homem. A audição tem um valioso papel, porém não é condição fundamental, para que a manifestação da musicalidade possa ocorrer.

A música deve ser vista de maneira ampla, e, sendo assim, também seu ensino deve possibilitar a todo e qualquer indivíduo um desenvolvimento pleno, deste modo, a Educação Musical para surdos pressupõe transformações nos processos educacionais musicais já existentes, pois só dando acesso e possibilidade de permanência a todas as pessoas da sociedade, acontecerá, de fato, uma Educação Musical Inclusiva.

3. METODOLOGIA

Entendemos que compreender os processos de uma Educação Musical Inclusiva, a partir de práticas já existentes, como nos chama atenção Louro (2012, p.70), sempre exigirá %as estratégias alternativas, bem como um tempo de

aprendizado maior que aquele dispensado aos alunos sem deficiência, além de um bom planejamento, de organização e envolvimento+.

Conforme destacado anteriormente, buscamos compreender como a educação musical pode incluir pessoas surdas. Para tanto, a abordagem metodológica que norteou a pesquisa é de natureza qualitativa, que segundo Bogdan e Biklen (1994) possui cinco características:

[...] a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; é descritiva; interessa-se mais pelos processos do que simplesmente pelos resultados ou produtos; tende a analisar os dados de forma indutiva e tem no significado uma importância vital. (p. 47)

Realizamos um estudo de caso, pois consideramos que este permite uma maior profundidade no trato com a realidade analisada, sendo assim, foi o que mais se aproximou de nossas questões. Dentro das características do estudo de caso destacadas por Ludke e André (1986), a interpretação em contexto e a representação dos diferentes e/ou conflitantes pontos de vista de uma situação social refletem o tratamento que demos a nossa pesquisa

Nosso campo de investigação foi o grupo *Batuqueiros do Silêncio*, idealizado e dirigido por Irton Silva, conhecido como Batman. Segundo ele, a ideia de formar o grupo de batuqueiros surdos surgiu junto com o desejo de explorar a musicalidade de crianças e jovens com surdez parcial e total. Batman é músico, mestre do saber popular e educador, e desde 2001 realiza atividades na área de inclusão através da música. Já trabalhou com pessoas em tratamento psiquiátrico, crianças e jovens com síndrome de Down, deficiências intelectuais e deficiência visual. Ele destaca que seu principal objetivo com o grupo é dar vez e voz à comunidade surda e criar um diálogo com outros educadores e instituições voltadas para o ensino de arte.

O grupo existe desde 2009, surgiu como parte de um projeto mais amplo chamado *Som da Pele*. Só a partir de novembro de 2010, com a realização da segunda oficina de musicalização para surdos em Recife, o grupo cresceu em número de integrantes e passou a se chamar *Batuqueiros do Silêncio*. Já em 2011 o grupo deu origem ao primeiro bloco de carnaval formado por surdos, que leva o mesmo nome e desfila sempre nas noites de segunda-feira pelas

ruas do Recife Antigo. Atualmente, o grupo é composto por seis (06) alunos surdos e os ensaios do grupo acontecem, semanalmente, no espaço cedido pelo Movimento de Cultura Mudando a Vida com a Arte+, na Rua da Harmonia, no Bairro de Casa Amarela.

Os sujeitos desta pesquisa foram os seis (06) alunos surdos que fazem parte do grupo, sendo três (03) homens e três (03) mulheres. Embora o grupo seja composto por integrantes surdos, por considerar importante que as pessoas com surdez tenham espaço para explorar sua musicalidade e criatividade, alguns artistas ouvintes são convidados para interagir com os integrantes nas apresentações. Quando questionado sobre o porquê do grupo ser formado apenas por surdos, Batman nos informou que faz parte de uma pesquisa pessoal para compreender a relação entre o surdo e a música, mesmo assim alguns músicos ouvintes também participam. Embora o idealizador do grupo defenda que sua proposta é inclusiva, de acordo com Sassaki (2003) isto é uma prática educativa segregativa, por não unir surdos aos demais agentes sociais. Mesmo assim, buscamos investigar se nesta prática há processos que contribuam para inclusão social de pessoas surdas.

Utilizamos a entrevista semi-estruturada como instrumento privilegiado da coleta de dados e as vídeo-gravações das mesmas. As entrevistas semi-estruturadas, segundo Bogdan e Biklen (1994), permitem que se obtenha dados comparáveis entre vários sujeitos e podem ser utilizadas após o trabalho de investigação. Utilizamos vídeo-gravações para um melhor registro e análise, o que permitiu a repetição da imagem coletada e, com isso, a ampliação da possibilidade de repensar o que foi observado. Para este momento, contamos com o auxílio de um intérprete de LIBRAS.

Para a análise dos dados, tomamos como referência as questões objetivas (vide roteiro de entrevista no Anexo I), que foram categorizadas tendo como referência as três fases básicas da *análise de conteúdo* descrita por Bardin (1979), e sintetizada por Triviños (1987), ou seja, a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. Tal opção se fez a partir da compreensão de que essa foi a melhor forma de tratamento de dados, tendo em vista os dados que foram disponibilizados e os objetivos da investigação.

4. ANÁLISE DE DADOS

Na nossa pesquisa, nos aproximamos dos integrantes do grupo *Batuqueiros do Silêncio* com o objetivo de compreendermos como a Educação Musical pode incluir pessoas surdas. Tal objetivo nos levou a entrevistar os surdos para identificar, em suas narrativas, episódios que possibilitam a inclusão social.

A partir das entrevistas realizadas pudemos traçar um perfil dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa. São três (3) homens e três (3) mulheres, com idades entre 17 e 39 anos, moradores da Região Metropolitana do Recife. Os níveis de escolaridade dos sujeitos são bem variados, um (1) estava na 8ª série do Ensino Fundamental II, um (1) no 3º ano do Ensino Médio, três (3) concluíram o Ensino Médio, e uma (1) estava no Ensino Superior, cursando Logística. Destes 6 sujeitos, quatro (4) apresentam surdez total e dois (2) surdez parcial. Apenas uma das informantes tinha vivenciado atividade com música antes de integrar o *Batuqueiros do Silêncio*. Isto é apresentado no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 É Caracterização dos sujeitos

	Homem	Mulher	Idade	Escolaridade	Surdez Parcial	Surdez Total	Atividade com música anteriormente
Sujeito 1	X		18	3º ano	X		Não
Sujeito 2	X		39	Ensino Médio Completo		X	Não
Sujeito 3	X		17	8ª série	X		Não
Sujeito 4		X	32	Ensino Superior . Cursando (Logística)		X	Não
Sujeito 5		X	28	Ensino Médio Completo		X	Não
Sujeito 6		X	21	Ensino Médio Completo		X	Sim

De acordo com nosso objetivo principal, no decorrer das entrevistas encontramos 32 episódios, a partir das falas dos sujeitos, que demonstram processos que revelam a inclusão social. Agrupamos estes episódios em

quatro categorias: (14) Acessibilidade; (8) Reconhecimento; (5) Autonomia e (5) Interação, organizados de acordo com a quantidade de aparições. De acordo com o trabalho de conclusão de curso desenvolvido por Martins, Santos e Silva (2013), que buscava compreender como a Arte/Educação possibilita a inclusão da pessoa com deficiência, percebemos que as categorias Reconhecimento e Interação também foram destacadas como importantes para efetivação da inclusão. Conforme podemos identificar no quadro abaixo:

Quadros 2 - Categorias

	ACESSIBILIDADE		RECONHECIMENTO		AUTONOMIA		INTERAÇÃO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
S1	5	35,71	1	11,11	0	0	1	20	7	66,82
S2	2	14,28	1	11,11	1	20	1	20	5	65,39
S3	2	14,28	1	22,22	1	20	0	0	4	56,50
S4	1	7,14	2	22,22	1	20	1	20	5	69,36
S5	2	14,28	1	11,11	1	20	1	20	5	65,39
S6	2	14,28	2	22,22	1	20	1	20	6	76,50
TOTAL	14	99,97	8	99,99	5	100	5	100	32	399,96

Os episódios identificados na categorização *Acessibilidade*, foram agrupados dessa forma, por apresentarem características de acordo com o proposto por Sassaki (2013), que diz que

acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e ter em todos os contextos e aspectos da atividade humana. Se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do

desenho universal, ela beneficia todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência. (p. 15)

De acordo com esta linha de pensamento, os episódios desta categoria mostram como os surdos passaram a ter acesso ao universo da música, a partir da proposta dos *Batuqueiros do Silêncio*. De um modo geral, os surdos não tiveram uma experiência anterior, apenas o Sujeito 6 relatou ter vivenciado, durante a infância, atividades musicais, os demais destacaram que a oportunidade de conhecer o universo musical surgiu em suas vidas a partir do convite realizado pelo idealizador do grupo, Batman. Como exemplos desta categoria, para melhor compreensão, trazemos a fala de alguns dos sujeitos:

%A primeira vez foi quando eu participei desse grupo aqui.+(Sujeito 1)

%Antes do grupo não tive nenhuma experiência+(Sujeito 3)

%Nunca. Com 29 anos mais ou menos que eu comecei a me envolver, convidada pelo professor.+(Sujeito 4)

Dentro desta categorização, percebemos que a Tecnologia Assistiva, que, segundo Tavares (2013, p.32) se caracteriza como *%odo o recurso ou serviço utilizado para potencializar as habilidades da pessoa com deficiência, bem como para proporcionar autonomia, empoderamento e para facilitar a inclusão na vida social+*, utilizada pelo professor para facilitar a aprendizagem dos alunos com surdez, é uma ferramenta fundamental para ampliar o acesso e facilitar o aprendizado. Além da utilização do metrônomo visual, composto por 4 luzes, que podem ser vermelhas, brancas ou verdes, de acordo com o ritmo a ser tocado, e que ficam dispostas uma ao lado da outra acendendo de acordo com a pulsação da música, alguns instrumentos também são adaptados, com luzes, para acender na medida em que se toca. Assim, o surdo consegue ter todo o aparato visual para ter segurança e se apropriar com mais facilidade da aprendizagem.

Os episódios identificados na categorização *Reconhecimento* foram agrupados de acordo com a classificação explicitada por Bonfim (2009, p. 17) que nos diz que o reconhecimento *%corresponde ao respeito e ao apreço que o indivíduo recebe do seu grupo social, um sinal claro de aceitação de suas*

escolhas, peculiaridades e habilidades, com influência direta no aumento da autoestima pessoal.+

Nesta categorização percebemos que os episódios apresentam o retorno positivo da família e dos amigos. Os sujeitos destacaram o quanto se sentem bem, quando recebem o apoio familiar e de seu convívio social. Desta forma, os episódios encontrados mostram que as influências exercidas pelo meio social nos indivíduos fazem com que se sintam membros ativos, socialmente, com direitos e deveres garantidos e respeitados. Para melhor entendimento deste processo, trazemos, como exemplos, trechos extraídos das entrevistas com os sujeitos:

%Eu acho que eles gostam quando eu toco e isso me faz ficar feliz, me faz querer continuar tocando... por isso eu acho que me ajuda minha família apoiar.+(Sujeito 1)

%a.] o sentimento serve pra passar a emoção aí ficam %aramba!+ ficam todos admirados: %perfeito!+ Ficam todos orgulhosos da apresentação da filha, vê no jornal, aí dá entrevista no jornal, aí a mãe ama e fica dizendo que vou ficar famosa.+(Sujeito 5)

%a.] meu pai ficou emocionado: %minha filha inteligente+.. meu pai perguntou %como é que consegue?+ O surdo precisa apresentar, tentar para aprender... e ter emoção pra passar também.+(Sujeito 6)

Estes exemplos desta categorização nos mostram a importância do apoio social e da visibilidade para o sujeito. Bonfim (2009, p. 13) destaca que %o reconhecimento estende o conceito de cidadania para grupos que antes sofriam de invisibilidade sociopolítica.+ Sendo assim, o reconhecimento social e a família influenciam, diretamente, todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Durante a análise destes episódios, uma subcategoria foi encontrada, *Autorreconhecimento*. Todos os sujeitos destacaram que se percebem como músicos profissionais, a partir das aprendizagens construídas no grupo. Eles próprios reconhecem as habilidades que conseguiram construir no decorrer das vivências. Para uma melhor compreensão, segue exemplo:

%Sim. No começo eu não entendia muito, mas eu ficava com um pouco de dúvida [...]. Aí depois ele [Batman] começou a me ensinar uns batuques pra gente sentir a

vibração, primeiro com as mãos, depois com as baquetas, aí depois, quando eu vi, ele me mostrou que realmente os surdos têm essa capacidade de aprender+(Sujeito 2)

%Sim, eu me acho profissional da música... agora eu percebo com a partitura que o professor fez pra gente entender. Aí eu fui praticando, entendendo os batusques e aí a gente foi entendendo tudo.+(Sujeito 3)

Desta forma, os exemplos acima, nos mostram, de acordo com Bonfim (2008, p.17), que %o indivíduo passa a adotar, em relação a si mesmo, uma atitude positiva+o que contribui para a construção do Autorreconhecimento.

A terceira categorização dos episódios corresponde à *Autonomia*, compreendida de acordo com o proposto por Freire (2002, p. 120), que nos diz que %a ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras, decisões, que vão sendo tomadas+. Deste modo, os episódios desta categorização se aproximaram por apresentar decisões tomadas por parte dos sujeitos para sua vida profissional, a partir dos conhecimentos construídos, de maneira gradativa, com as experiências musicais.

Para exemplificar, podemos destacar que cinco (5) dos sujeitos diziam que futuramente pretendiam desenvolver um trabalho na área de música, dando continuidade aos conhecimentos construídos, ou seja, desenvolveram perspectivas para sua vida profissional, a partir dos conhecimentos na área da Educação Musical. Para melhor compreensão, vejamos os exemplos:

%a.] futuramente quero me apresentar mais para alguns surdos. Se tem algum surdo que, por exemplo, não conhece, surdos ou ouvintes também, pessoas deficientes, é possível que as pessoas partilhem essa arte desse grupo.+(Sujeito 2)

%a.] eu desejo ser professora de música de surdos no futuro.+(Sujeito 4)

Percebemos, nos exemplos, que o aprendizado e as experiências, que foram construídos com o grupo, deram possibilidades para que os indivíduos tomassem decisões futuras. Logo, compreendemos a importância de se estabelecerem práticas que permitam aos alunos vivenciarem experiências que os levem a tomar suas próprias decisões com responsabilidade. Reiterando Freire (2002, p. 105), “...no fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.”

A quarta e última categorização encontrada corresponde à *Interação*, compreendida, segundo Carvalho (2002, p. 7), como “o processo interpessoal pelo qual indivíduos em contato modificam temporariamente seus comportamentos, uns em relação aos outros, por uma estimulação recíproca contínua. A interação social é o modo comportamental fundamental num grupo.” Sendo assim, os episódios dessa categoria mostram mudanças trazidas pela música na vida dos sujeitos, a partir do contato com outros sujeitos e se aproximam por apresentar experiências vividas pelos sujeitos que alteraram seu modo de vida ou de viver. Desta forma, de acordo com Escórcio (2008, p. 46) “é a partir de um processo de interação com o meio social, através da mediação feita pelo outro, que se dá a apropriação dos objetos culturais, processo em que o objeto do conhecimento ganha significado e sentido.” Trazemos, nos exemplos, episódios que caracterizam este processo de Interação:

Quando eu entrei, mudou sim, com certeza. Quando eu toco, eu sinto paz, não penso mais em problemas, fico com mais tranquilidade. É bom que pra mim é sempre uma novidade, quando eu estou tocando.† (Sujeito 1)

Eu senti que eu gosto muito de trabalhar aqui, gosto de aprender, parar nunca, vou continuar sempre nesse ramo minha vida inteira.†(Sujeito 2)

%Sempre. Mudou minha vida. O meu foco é só a faculdade e o grupo.+ (Sujeito 4)

%Sim, mudou pra melhor. Antes eu queria tocar e agora eu me sinto incluída, participando de um grupo de música.+ (Sujeito 5)

%Eu me sinto melhor, minha vida no grupo de ouvintes era boa, mas quando eu venho pra esse grupo... eu tinha 9 anos de idade quando participava do grupo de ouvintes... aí me chamaram pra participar e minha vida mudou pra melhor, desenvolveu.+ (Sujeito 6)

Nestes exemplos percebemos que os valores e as ideias são construídos de maneira singular, na vida de cada um dos sujeitos, cada um registra e assimila de maneira muito particular suas vivências musicais. Compreendemos, então, que as mudanças sociais passam por essa categoria, pois é possível verificar diferentes maneiras de ver o mundo e de assim modificá-lo.

A partir destas categorizações encontradas nos episódios presentes nas falas dos nossos sujeitos, foi possível identificarmos quais processos contribuem para que haja a inclusão a partir da Educação Musical.

5. CONCLUSÃO

Com a presente pesquisa, verificamos que no grupo há processos que podem facilitar a inclusão, porém, segundo os autores aqui discutidos, o fato de a proposta por ser formada apenas por surdos, e não aceitar também ouvintes, se constitui em uma prática segregativa. Contudo, percebemos que os episódios encontrados nos levaram a caracterizações que contribuem para inclusão a partir da educação musical. Acessibilidade, Reconhecimento, Autonomia e Interação, foram processos fundamentais que contribuíram para a inclusão social dos surdos sujeitos desta pesquisa. Acreditamos, também, que sejam válidos para a inclusão de outras pessoas com deficiência. No caso do

grupo *Batuqueiros do Silêncio*, a prática vem mostrando a Acessibilidade como o ponto principal que faz com que os sujeitos se sintam incluídos, porém, sozinha, esta categoria não caracteriza a inclusão social.

Consideramos que para uma Educação Musical Inclusiva são necessários professores que contemplem a acessibilidade com materiais adaptados, para que todos possam participar. Podemos dizer, também, que de um modo geral transparece uma boa relação entre o Professor e os alunos, o que é um grande facilitador da aprendizagem. O fato de criar estratégias alternativas para facilitar o ensino musical mostra que há uma flexibilidade no trabalho que é feito com o grupo, e não uma prática pedagógica engessada, que não está aberta às mudanças.

Entendemos, portanto, que a arte é fundamental para a educação e inclusão social em todas as áreas. “É uma forma de encarar o mundo, de se relacionar com ele, de se expressar.” (Louro, 2009, p. 50). As pessoas com deficiência precisam ter acesso à arte e à cultura, não para receberem prêmios ou se destacarem, mas para se desenvolverem com maior completude enquanto seres humanos, ou para o seu lazer e prazer pessoal. Segundo Sasaki (2003), é fundamental equipararmos as oportunidades para que todas as pessoas possam ter acesso a todos os serviços, bens, ambientes construídos e ambientes naturais, em busca de sua realização. Sendo assim, entender, reconhecer e incluir as pessoas com deficiência nas diversas atividades é uma tarefa que cabe aos profissionais da educação e aos demais membros que compõem uma sociedade inclusiva.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BONFIM, Symone Maria Machado. *A luta por reconhecimento das pessoas com deficiência: aspectos teóricos, históricos e legislativos*. Instituto

Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos deputados. Rio de Janeiro 2009. Disponível em:

http://www.aslegis.org.br/aslegisoriginal/images/stories/artigospeessoais/Publicacoes-EstudosAcademicos-Dissertacoes/Symone_2009.pdf

CAPELO, M. R. C. Diversidade sociocultural na escola e a dialética da exclusão/inclusão. In: GUSMÃO, N. M. M. (Org.). *Diversidade, cultura e educação: Olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003. p. 107-134

CARVALHO, Vanessa Delaraby Teixeira de; *Indicadores que promovem a aceitação do aluno com Síndrome de Down no ensino regular*. . Dissertação (mestrado). . Porto Alegre: O autor, 2002.

ESCÓRCIO, Daniela Coutinho de Moraes. *A interação entre professor e aluno com deficiência intelectual em escola inclusiva: um estudo de caso*. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008

FREIRE, Paulo. 2002. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Algunas reflexiones sobre la musica, la educacione y la terapia*. In: Benenzon, Rolando O. et al. *La Nueva Musicoterapia*. Barcelona: Zumen, 1998.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GUEBERT, Mirian Célia Castellain. *Inclusão: uma realidade em discussão*. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

HAGUIARA . CERVELLINI, Nadir. *A musicalidade do surdo, representação e estigma*. São Paulo: Plexus Editora , 2003.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos, SP: Ed. do Autor, 2006.

_____. *Fundaments da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Editora Som, 2012.

_____. *Arte e Responsabilidade Social: Inclusão pelo teatro e pela música*. Santo André: TDT Artes, 2009.

MARREIRA, Abraão. *Do som à legislação: Da matéria-prima da música até a Lei 11.769/08 da LDBEN 9.394/96*. Camaragibe: Igp, 2011.

MARTINS, Dayse Oliveira; SANTOS, Smirna Albuquerque; SILVA, Everson Melquíades Araújo. *Arte/Educação inclusiva: Um estudo de caso sobre a inclusão social do sujeito com deficiência através da arte*. 2013. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MARTINS, L. A. R. *Algumas reflexões a respeito da formação docente para atuação com a diversidade*. Anais da Anped, GT 02, 2007.

MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpx, 2011.

SASSAKI, Romeu Kasumi. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Wva, 2003.

TAVARES, Liliana Barros (Org.). *Acessibilidade Comunicacional para Produções Culturais*. Recife: Ed. do Organizador, 2013.

TRIVINÕS, Augusto N.S. *A pesquisa qualitativa em educação: introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.